

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
IDENTIFICAÇÃO DE BAIRRO CRIATIVO:
ORIENTAÇÃO PARA LEITURA E MAPEAMENTO DE ÁREAS PROPÍCIAS À
INSTALAÇÃO DE PROJETOS INOVADORES EM SÃO PAULO

Orientanda: Thaís Mara Ramos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Pérola Felipette Brocaneli

RESUMO

Esta pesquisa busca aprimorar os estudos e metodologias nacionais para a avaliação e leitura de territórios urbanos, propícios à instalação de projetos tecnológicos e inovadores, por meio dos indicadores de qualidade específico das cidades criativas e também, das metodologias internacionais de leitura de paisagem urbana, sendo dedicada ao desenvolvimento criativo de reestruturação e requalificação das regiões periféricas de São Paulo. O artigo desenvolve como estudo de caso um setor localizado no bairro da Vila Prudente (Subprefeitura da Vila Prudente – SP – Zona Leste), aplicando os indicadores de análise mapeados e enfatizando a potencialidade das áreas periféricas da região metropolitana de São Paulo na construção de cidades criativas.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades Criativas. Bairros Criativos. Projetos inovadores. Regiões periféricas. Vila Prudente. Indicadores de qualidade de cidades criativas.

ABSTRACT

Dedicated to the creative development of restructuring and enhancement of the peripheral regions of Sao Paulo, this scientific research, aims the improvement of studies and national methodologies for the evaluation and survey of urban territories, favorable the installation of technological and breakthrough projects using specific indicators of creative cities quality and also using international methodologies urban landscape charting. This article presents as an example, an area located in Vila Prudente neighborhood (District Vila Prudente - SP - East Zone), searching to apply the indicators and emphasize the potential of the peripheral areas of São Paulo metropolitan region in the construction of creative cities.

KEYWORDS: Creative Cities. Creative neighborhoods. Innovative projects. Peripheral regions. Vila Prudente. Quality indicators of creative cities.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XVIII, a Europa passa por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, diante da crise do modelo absolutista, o surgimento do capitalismo, e o triunfo da Revolução Industrial que proporcionou um grande salto tecnológico na história do mundo, segundo Calabi (2012). A sociedade rural passa, a se deslocar para as proximidades dos novos centros industriais, constituindo núcleos urbanizados, iniciando assim, o processo de urbanização dessas cidades. Muitos anos depois, a descentralização e a transição pós-industrial levaram, por toda parte, as coletividades locais a repensarem suas políticas urbanas, e as cidades pioneiras foram as que sofreram severamente com a crise industrial, diante do aumento do desemprego, a redução dos investimentos, e da formação de amplos vazios urbanos e espaços abandonados nas antigas propriedades industriais.

Com este quadro, estas cidades observaram novamente a necessidade de repensar práticas para seus territórios, tornando-os outra vez atrativos, inicialmente, prevendo ações destinadas a renovar o tecido econômico e urbano, com estratégias para melhorar a qualidade dos serviços para empresas, aproveitando dos progressos das tecnologias de comunicação e a redução dos custos de transporte.

Segundo Vivant (2012), a atração de capital seria através de empresas de alto valor econômico agregado, cujos executivos precisavam ser convencidos a se instalarem nas cidades em declínio industrial, desta forma, foi dada atenção particular a melhorar o cenário de vida, priorizando a qualidade dos espaços urbanos que valorizassem e favorecessem a criatividade, se preocupando com as questões ambientais e de qualidade de vida, com a criação de espaços verdes, espaços públicos, e especialmente, com a vida cultural. Assim, alguns pesquisadores se concentraram na atração de certas categorias de população, entre os quais o americano Florida *apud* Vivant (2012), afirma que o desenvolvimento econômico estava diretamente ligado à presença daquela que ele chama de “classe criativa”, profissionais contratados para resolver problemas complexos, inventar soluções novas, fora de uma lógica de

produção rotineira e repetitiva, um dos principais elementos que será base para a formação da cidade criativa, destacada e explicada ao longo da pesquisa científica.

1. OBJETIVOS

Contestar a realidade vivida pelas populações urbanas atualmente, principalmente nas regiões periféricas de São Paulo, demonstrando à importância das questões ambientais, culturais e de patrimônio histórico, dedicados a qualidade de vida dos centros urbanos e seus usuários. Avaliando as metodologias de Lynch (1960), Cullen (1983), Gehl (2013) e Vivant (2012), especificando características e comparando semelhanças e diferenças, a fim de identificar e aprimorar os pontos mais importantes para a leitura de paisagem urbana e os indicadores de qualidade da cidade criativa, que atenda principalmente, a Subprefeitura da Vila Prudente e Sapopemba, e que possa servir como estudo com abrangência em escala nacional.

2. METODOLOGIA

Análise e estudo das metodologias internacionais dos autores Lynch (1960), Cullen (1983), Gehl (2013) e Vivant (2012), mapeando os pontos mais importantes para a leitura de paisagem urbana, buscando aprimorar o conhecimento de metodologias nacionais para avaliação e identificação de territórios urbanos, propícios à instalação de projetos inovadores. Com base em referências internacionais que valorizam a qualidade de vida de seus usuários, como segundo Gehl (2013), São Francisco (Estados Unidos da América) e Copenhague (Dinamarca), utilizando de ações de melhoria e renovação de seus tecidos urbanos. Para tanto, o objetivo de estudo é um setor localizado na Vila Prudente – São Paulo, averiguando as possibilidades de regiões periféricas metropolitanas, de aprimorarem e transferirem as efervescências criativas para estas novas centralidades polares, previstas no Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (LEI Nº 16.050, de 31 de julho de 2014), localizadas em bairros emergentes nas subprefeituras de São Paulo.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. A PAISAGEM E O DESENHO URBANO

[...] Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no

decorrer de longos períodos de tempo. [...] A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. (LYNCH, 1960, p.01)

As metodologias de Lynch (1960) e Cullen (1983), desenvolvidas no século passado, ainda exercem forte influência nas leituras contemporâneas de paisagem urbana, ambos otimizaram métodos simples e objetivos de avaliação dos espaços urbanos, possibilitando compreender, analisar e fazer leituras sequenciais e dinâmicas da paisagem.

Para Cullen (1983), a paisagem urbana deve ser estudada a fim de tonar-se coerente e organizada, visualmente. Valorizando perspectivas entre o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano.

De acordo com Lynch (1960), cada indivíduo tem uma imagem própria e única da paisagem, e existem alguns fatores e elementos influenciadores da imagem, tais como o significado social de uma área, sua função e a sua história.

[...] Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, as sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. (LYNCH, 1960, p.01).

Inspirado pelas influentes propostas de leitura de paisagem urbana citadas acima, Gehl¹ (2013), defende o que chama de planejamento com dimensão humana. Argumenta sobre a ideologia modernista do funcionalismo e a exclusividade aos automóveis antes das pessoas, os edifícios em lugar dos espaços públicos, e o planejamento aéreo ao invés de pensá-lo a partir do nível da rua e da escala humana. Gehl (2011) ainda afirma: “Nos tempos antigos, sempre se pensou nessa ordem: pessoas, espaços e edifícios. Até que se inverteu a ordem: edifício, espaços e pessoas”.

Gehl (2013) ao longo de suas análises define critérios fundamentais, assim como os conceitos citados de Lynch (1960) e Cullen (1983), que expressa a importância de devolver vida à cidade e as pessoas, recuperando os espaços urbanos hostis, subutilizados e ocupados basicamente por automóveis.

¹ Crítico do urbanismo modernista, arquiteto e urbanista dinamarquês, sócio fundador da Gehl Architects, ex-professor e pesquisador da “The Royal Danish Academy of Fine Arts”.

3.2. O QUE É UMA CIDADE CRIATIVA?

Enquanto análise do local, não determina um projeto, mas é a base a partir da qual as decisões criativas poderão ser tomadas. (LYNCH, 1960, p.28).

Vivant (2012), afirma que a classe criativa, mencionada inicialmente neste artigo, é composta por dois grupos, distintos pelo grau de criatividade de sua atividade profissional, o primeiro grupo, é constituído por profissionais envolvidos no processo de criação, pagos para serem criativos, para criarem novas tecnologias ou novas ideias, como cientistas, pesquisadores, engenheiros, e artistas, arquitetos, etc. O segundo grupo reúne profissionais normalmente classificados nos serviços de alto nível, e que merecem ser associados a essa classe criativa, pois resolvem problemas complexos graças a um nível de qualificação e a uma importante capacidade de inovação. Esses dois grupos de profissionais, necessitam de uma localização residencial privilegiada, com espaços urbanos de qualidade, que valorizem e favoreçam a criatividade e tecnologia, com grande tolerância e uma atmosfera *cool*, descontraída e boêmia, e este dinamismo artístico e cultural é o único capaz de fazer frente aos efeitos de desinvestimento causado pelo declínio industrial.

O lugar para essa classe é a cidade criativa, que segundo o 4º fórum internacional realizado em 2014 no Rio de Janeiro de Cidade Criativa, são bairros ou espaços urbanos que proporcionam a integração entre atividades artísticas, culturais, sociais com o governo, economia e a indústria.

A cidade cultural, segundo Vivant (2012), tornou-se um indicador da qualidade de vida de uma cidade, em particular na classificação das 'cidades em que é bom viver', e melhorar o ambiente no qual se vive (e divulga-lo) torna-se uma condição necessária para atrair empresas, em particular aquelas de alto valor agregado, cujos executivos necessitam de serviços culturais.

Todos encontram na cidade os recursos necessários para inventar seu cotidiano. (VIVANT, 2012, p.51).

Segundo Florida *apud* Vivant (2012), para o reconhecimento da cidade criativa, que ofereça os serviços e amenidades procurados pelos trabalhadores, propõe utilizar indicadores de qualidade específicos, para a construção e desenvolvimento desta cidade, são eles:

- O talento: número de pessoas com ensino superior e mestrado completos;
- A tecnologia: número de diplomas técnicos;
- A tolerância: índice de diversidade (taxa de pessoas nascidas no exterior), peso da comunidade homossexual dentro da população e a boêmia artística.

O bairro, recurso da produção artística, funciona como um arquétipo dos modos de organização de outras atividades criativas, que encontram na metrópole os recursos para o desenvolvimento. (VIVANT, 2012, p. 54).

A efervescência criativa passa agora para o bairro, tornando-se até mesmo o motor do desenvolvimento econômico da cidade, e que quando concentrados os indicadores mencionados acima, conhece o processo de gentrificação², tanto pelo efeito do desenvolvimento do comércio (bares e pontos de encontro) como o efeito de seu povoamento, e produz assim, um ambiente atrativo para outros tipos de talentos (como engenheiros e juristas), que atraem ou criam, empresas inovadoras. Desta forma, é salientado por Vivant (2012), que não é a quantidade de diplomados que gera crescimento, mas o inverso: são as oportunidades oferecidas por uma economia local dinâmica que atraem os migrantes diplomados e criativos.

A presença da boemia artística, conta com o surgimento de artistas *off*, que interferem nos elementos e na paisagem urbana, na maioria das vezes, sem se identificarem. Propõem intervenções diversificadas e criativas, a fim de criar a serendipidade³, encontrada nos espaços subutilizados e abandonados da cidade, como galpões e terrenos de indústrias falidas, bens não reconhecidos pela sociedade como patrimônio histórico, onde os artistas têm a iniciativa de manter e reestruturar estes usos que fazem parte da história da população e do bairro.

² Neologismo derivado do inglês *gentrification*; designa o processo de revitalização de determinada área ou bairro mediante investimentos privados e/ou públicos, implicando, muitas vezes, o deslocamento de seus antigos moradores.

³ Serendipidade, também conhecido como *serendipismo*, ou ainda *serendipitia*, é um neologismo que se refere as descobertas afortunadas feitas, aparentemente, por acaso. O papel do acaso nas descobertas das cidades.

Nos dias de hoje, é considerado como uma forma especial de criatividade, ou uma das muitas técnicas de desenvolvimento do potencial criativo de uma pessoa adulta, que alia perseverança, inteligência e senso de observação.

[...] bairros são partes razoavelmente grandes da cidade na qual o observador “entra”, e que são percebidas como possuindo alguma característica comum, identificadora. (LYNCH, 1960, p. 66).

3.2.1. ATRIBUIÇÕES DA ECONOMIA CRIATIVA DENTRO DE UMA CIDADE CRIATIVA

A UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) no relatório de 2008 define a economia criativa como um conceito emergente que trata da interface entre criatividade, cultura, economia, tecnologia, e as indústrias criativas como os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam a criatividade e o capital intelectual como principais insumos.

A economia criativa ou economia da cultura abrange as indústrias culturais, as quais carregam conteúdos potencialmente culturais e concretizam seu valor econômico no mercado. Porém, a economia da cultura não se limita a elas, compreendendo complementarmente atividades que não integram as indústrias culturais, como artesanato, turismo cultural, festas e tradições, e patrimônios históricos.

Segundo Vivant (2012), o crescimento econômico se apoia na articulação de três valores citados anteriormente: a tecnologia, o talento e a tolerância. Sendo a cidade criativa uma construção que revela modernidade e criatividade aos olhos de visitantes e de investidores externos, com diversos atrativos, como museus, que constituem destinações turísticas e geram recursos econômicos, beneficiando toda a cidade. É a cultura sendo utilizada no quadro de políticas urbanas como ferramenta de valorização do espaço, além da presença de uma vasta rede de fornecedores, terceirizados e clientes em um mesmo território, que melhora as trocas comerciais dentro da economia criativa.

3.2.2. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A CONSTRUÇÃO DE CIDADES CRIATIVAS

O surgimento de uma cidade criativa, inclusa nas categorias de cidades inteligentes e inovadoras, se dá pelo desenvolvimento de assuntos atuais e de extrema importância relacionados à qualidade de vida de seus habitantes, como as questões ambientais e de sustentabilidade, discutidos recentemente, no RIO+20 a Conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento Sustentável.

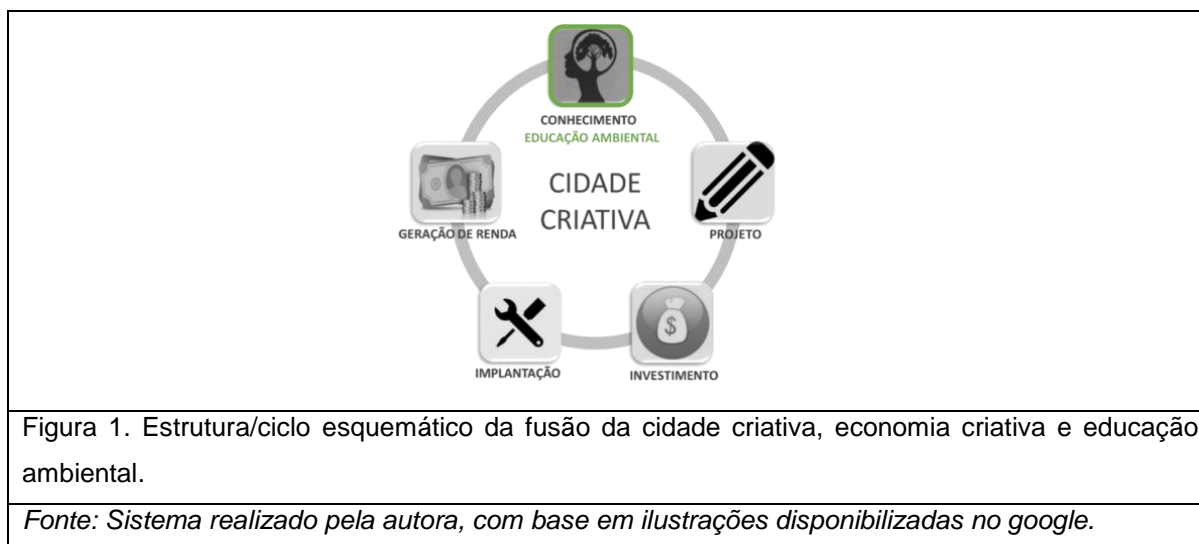
Vivant (2012) comenta que a classe criativa tem interesse de participar da vida do bairro e se mostram sensíveis aos problemas ambientais e à qualidade de vida, como

o exemplo da população citada por Gehl (2013), da primeira cidade criativa do Brasil, a Cidade Pedra Branca, em Santa Catarina.

A partir destas discussões de sustentabilidade, manifesta-se a necessidade de pensar soluções ambientais inovadoras para os centros urbanos, através da educação ambiental para toda a população, procurando resultado para essas problemáticas, contribuindo para a elaboração de projetos sustentáveis e sistemas criativos de intervenção ecológica.

A cidade sustentável é geralmente fortalecida se grande parte de seu sistema de transporte puder se dar por meio da “mobilidade verde”, ou seja, deslocar-se a pé, de bicicleta ou por transporte público. Esses meios proporcionam acentuados benefícios à economia e ao meio ambiente, reduzem o consumo de recursos, limitam as emissões e diminuem o nível de ruídos. (GEHL, 2013, p.7).

A economista Reis (2012), demonstra a estrutura da economia criativa, e através da mesma elabora um breve sistema onde identifica os processos da economia relacionada com a cidade criativa, conforme figura 1.



A educação ambiental consegue espaço dentro da cidade criativa para abranger e propagar seus estudos de forma inteligente, através de programas e equipamentos inovadores na cidade, transmitindo esses ideais aos demais usuários, acreditando na formação de investidores ambientais. Para o Ministério do Meio Ambiente, a educação ambiental é um processo de transformação cultural, essencial para a construção do conhecimento de proteção ao meio ambiente, que dentro da cidade criativa, possibilita a implantação de práticas adequadas para melhorar a imagem da cidade, encorajando

assim, consumidores e investidores a viver, trabalhar, comprar, se divertir e investirem nesses lugares.

3.3. PROJETOS URBANOS INOVADORES

O Brasil em 2012, segundo a revista infraestrutura urbana, ingressa com dez iniciativas na lista mundial de projetos urbanos inovadores, uma listagem de 100 projetos de infraestrutura considerados como os mais inovadores e inspiradores do mundo pelo relatório 'Infrastructure 100: World Cities Edition', lançado pela KPMG na Cúpula das Cidades do Mundo em Cingapura. Este relatório mostra como projetos pioneiros na área da infraestrutura podem fazer diferença, contribuindo para o surgimento das chamadas cidades do futuro, locais onde as pessoas querem morar e trabalhar.

A dimensão humana – dimensão necessária de um novo planejamento
[...] procuram-se: cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis.
(GEHL, 2013, p.6).

Segundo Gehl (2013) e Vivant (2012), os projetos inovadores e tecnológicos, ambicionam mais do que simplesmente garantir que as pessoas caminhem, morem e trabalhem, o foco se amplia para ser convidativo e possibilitar que as pessoas vivam e tenham contato direto com a sociedade em torno delas, tornando cidades habitáveis, mais humanas e sustentáveis.

3.4. ESTUDO DE CASO – SUBPREFEITURA DA VILA PRUDENTE – SP

O estudo de caso desenvolvido na Subprefeitura da Vila Prudente, conforme figura 3, tem as análises e mapeamentos considerando os índices do IBGE de 2004, tais como: densidade, taxa de crescimento, taxa de urbanização, população em idade ativa, atividade econômica, educação, número de favelas, infraestruturas, serviços e comércios, desenvolvimento urbano, social, cultura e esportes, meio ambiente, gestão pública, entre outros. Possibilitar um melhor entendimento sobre a pirâmide populacional, o rendimento mensal das famílias e as principais causas de óbitos da população. Com base nestes dados foi possível entender algumas questões sociais, financeiras, de saúde e segurança vividas pela população local.

Porém, para entender uma região e suas problemáticas é preciso coletar dados da população, sendo assim foram realizadas quatro entrevistas conforme os métodos de Lynch (1960), com atuais e ex-moradores de diferentes idades, além de entrevistas rápidas com visitantes e migrantes pendulares.

Os métodos de Gehl (2013) e Cullen (1983) também foram utilizados como análise, através de vistorias no local, nos variados períodos e dias da semana, observando o comportamento dos usuários nos espaços públicos, e fazendo o mapeamento fotográfico para identificação de elementos na paisagem urbana.

Verificou-se então, que a região está em constante desenvolvimento, em questões econômicas, de educação e de qualidade de vida, com melhorias nos espaços públicos e a preocupação com a mobilidade urbana, como: terminal rodoviário, estação do metrô, implantação do monotrilho e ciclovias arborizadas.

Assim, para avaliar o potencial do bairro como um bairro criativo, a forma encontrada para análise dos indicadores de qualidade neste setor, foi identificando os serviços, comércios, ou equipamentos urbanos que possibilitam ou possibilitarão o desenvolvimento do talento, da tecnologia e tolerância, conforme figura 4.

Ao final do mapeamento, a autora desenvolveu um gráfico, conforme figura 2, que a partir das médias das notas dadas pelo profissional no momento de análise de cada indicador ao avaliar o local, poderá constatar se a cidade é potencialmente criativa ou com indícios, e caso ainda não seja, com base nesta pesquisa, poderá verificar os pontos ainda falhos, e sugerir como atrair os indicadores ainda não mapeados.

O setor estudado na Vila Prudente foi avaliado com a intensão de reconhecer áreas propícias a instalações de projetos inovadores como a cidade criativa, priorizando as regiões com este potencial escondidas nas periferias de São Paulo. Assim, para classificar a região conforme o gráfico abaixo, após análises da autora e sua orientadora, foram dadas as seguintes notas:

INDICADOR	NOTA PROFISSIONAL
Talento (instituições ligadas aos artistas intelectuais e serviços básicos)	6
Tecnologia (instituições de ensino ligadas ao processo de formação da tecnologia)	9
Tolerância (espaços existentes propícios a encontros boêmios e república e serviços hoteleiros)	8

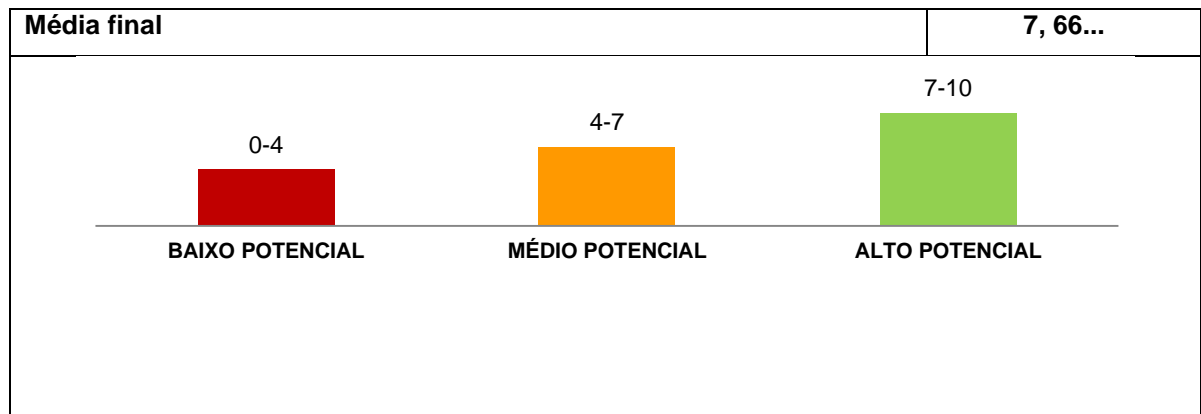


Figura 2: Gráfico de avaliação de potencial conforme os indicadores de qualidade da cidade criativa.

Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

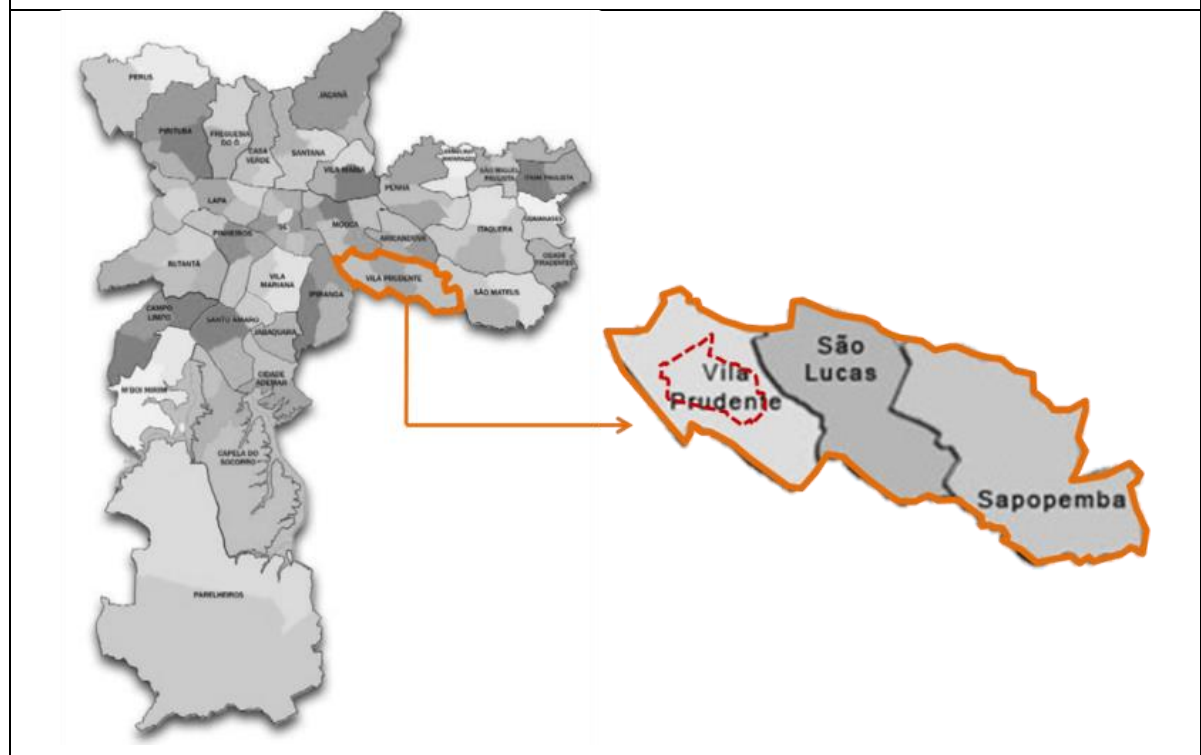


Figura 3: Mapa das subprefeituras da região metropolitana de São Paulo com delimitação do setor em estudo na Vila Prudente.

Fonte: Mapa alterado pela autora, com base em imagem disponibilizada no wikimapia.org



3.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tem como eixo principal pesquisar e desenvolver metodologias que promovam a qualidade de vida tão almejada nos grandes centros urbanos, encorajando profissionais e governantes para o desenvolvimento de projetos e políticas públicas voltadas a produção de cidades criativas, demonstrando que a cidade além de ter suas funções administrativas e de possibilitar qualidade de vida à população, deve ser atualizada para uma entidade emancipadora, que proporcione a manifestação das diferenças, das diversidades e das singularidades de seus usuários, promovendo a tolerância de costumes e a estrutura da cidade criativa.

A metodologia desenvolvida foi aplicada e demonstrou que o setor situado na subprefeitura da Vila Prudente –SP, possui alto potencial para o desenvolvimento de projetos inovadores.

Por fim, esta pesquisa elaborou e aplicou uma metodologia para identificação de bairros criativos, que fomentam cidades e sociedades criativas capazes de receber projetos inovadores, promovendo cidades contemporâneas mais juntas e ambientalmente responsáveis.

REFERÊNCIAS

VIVANT, Elsa. **O que é uma cidade criativa?** Tradução Camila Fialho. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012. 93 páginas.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 207 páginas.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** Editora Edições 70, 1983. 208 páginas.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas.** 1ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013. 262 páginas.

GATTI, Simone. **Espaços públicos: diagnóstico e metodologia de projeto.** 2013. 91 páginas - ABCP, São Paulo.

ANTUNES, Bianca. Jan Gehl fala sobre cidades e escala humana. **Revista AU.** São Paulo, Edição 215, Dezembro, 2011.

CALABI, Donatella. **História do urbanismo Europeu.** Editora Perspectiva, 2012. 456 páginas.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas.** Sesi-SP editora, 2012.